

## Entre guerra e paz: representações midiáticas indígenas dentro e fora das aldeias<sup>1</sup>

Adriano Eulálio Araújo<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo analisa como são representados na mídia os índios da etnia Terena do norte de Mato Grosso. A partir do aporte teórico de Gabriel Abril busca-se compreender problemas das limitações da cobertura jornalística sobre povos indígenas, observando especialmente a insuficiência de fontes, a falta da perspectiva indígena sobre suas próprias questões e a consequente simplificação de sua realidade.

**Palavras-chave:** Mídia, Cultura Indígena, Representação.

**Abstract:** This article examines how media are represented in the ethnic Terena Indians of northern Mato Grosso. From the theoretical contribution of Gabriel April we seek to understand problems of the coverage limitations on indigenous peoples, especially noting the lack of supplies, lack of indigenous perspective on their own issues and the consequent simplification of its reality.

**Keywords:** Media, Indigenous Culture, Representation.

### Introdução

Este artigo analisa como alguns meios de comunicação, de abrangência nacional e regional, abordam as representações sociais dos índios da etnia Terena, situada no norte de Mato Grosso, em temas importantes como a disputa pela terra e seus direitos e deveres para com ela. Percebendo como o jornalismo, em suas mais variadas formas, expõe e caracteriza o indígena na mídia, buscamos identificar que ideia a imprensa tem sobre os seus valores e qual a visibilidade que é dada às suas questões. Da perspectiva de análise os conceitos de representações sociais e mídia foram escolhidos para direcionar a discussão com intuito de refletir sobre o tema. Para isso, na primeira etapa da pesquisa, utilizaremos a análise de conteúdo a fim de detectar a forma como a imagem do indígena foi tratada ao se construir as notícias. Em um primeiro levantamento sobre a etnia Terena, feito apenas com algumas as palavras-chaves (Terenas, Mato Grosso, Índios) encontramos um volume de 48 matérias, publicadas em

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 1- Mídia e Conflitos, do Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem - ENCOI.

<sup>2</sup> Jornalista, mestrando em Jornalismo na UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.  
drygatinho@hotmail.com

impressos, web e veiculadas na TV. Para este artigo, foi feita uma análise qualitativa de três matérias publicadas em web sites que se dedicam a desenvolver e relatar fatos jornalísticos: *A Folha*, (nacional), *A Folha de Paranatinga*, e *o Diário de Cuiabá*, (regionais). Esta leitura qualitativa tem como base teórica os conceitos de Gonzalo Abril, em sua proposta das *Tres Dimensiones Del Texto Y De La Cultura Visual*, publicado na Revista Científica de Información y Comunicación, no ano 2012, e a através dele buscamos compreender os problemas das limitações da cobertura jornalística sobre povos indígenas, observando especialmente a insuficiência de fontes, a falta da perspectiva indígena sobre suas próprias questões e a consequente simplificação de sua realidade.

Diante da complexidade do tema a ser abordado, este artigo é apenas um olhar inicial sobre a questão. As impressões que serão aqui apresentadas originam-se das discussões iniciais sobre o projeto de pesquisa em desenvolvimento focando a crítica de mídia e a questão indígena.

### **Ver ou não ver: eis a questão**

Ao analisar o surgimento das primeiras sociedades brasileiras, são perceptíveis os traços deixados como herança (forçada) de diversas etnias indígenas como, por exemplo, o conhecimento sobre plantas medicinais, roupas, língua, moradia e etc. A partir daí formam-se imagens sobre o que é ser índio e isso, ainda hoje, se mantém presente no senso comum.

Serge Moscovici (2011) cita a ancoragem e a objetivação como mecanismos utilizados para gerar as representações sociais, pois subsidiam na classificação de algo. Nesse caso, ao considerarmos a representação que é dada ao índio, geralmente iremos pensar e ver o indígena com um olhar herdado dos tempos do Brasil colonial.

O primeiro mecanismo tenta ancorar ideias estranhas, reduzi-las a categorias e imagens comuns, colocá-las em um contexto familiar [...] O objetivo do segundo mecanismo é objetivá-los, isto é, transformar algo abstrato em algo quase concreto, transferir o que está presente na mente em algo que exista no mundo físico (MOSCOVICI, 2011, p. 61).

Se partirmos do princípio de que o real é construído a partir da visão do que recebemos da mídia, podemos refletir sobre a importância de se analisar como se dá essa construção, para que assim possamos entender nossa realidade. Como afirma Luiz Gonzaga Mota (2005), “são as notícias que tornam o complexo e desordenado mundo no qual vivemos menos caótico para cada um de nós, que nos ajudam a selecionar, priorizar, organizar e, compreender e ordenar os acontecimentos da nossa realidade imediata” (MOTA, 2005, p. 2). Há algum tempo o geógrafo Melhem Adas (1998) fala em seus textos sobre uma visão distorcida dos indígenas e nos diz que as “gerações de brasileiros receberam dos livros e de relatos a serviço dos conquistadores a imagem distorcida dos indígenas como gente preguiçosa” (ADAS, 1998; 37). E conclui que [...] “como a história tem sido geralmente escrita pelo branco e se encontra impregnada da ideologia da classe dominante, compreende-se, então, que essa visão até serviu para justificar o tráfico de escravos africanos e obscurecer a compreensão da cultura indígena” (ADAS, 1998; 37). Denise Jodelet (2001) exemplifica esse modo de representação social:

É uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada. Com o objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto; este devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais. (JODELET, 2001. p.22)

Os sistemas que classificam e descrevem algo dentro de uma sociedade já possuem elementos pré-elaborados, uma organização no pensamento coletivo e na reprodução de linguagens que expõe um conhecimento anterior (bagagem cultural), que entende e interpreta a informação presente. De acordo com Moscovici (2011):

Longe de refletir, seja o comportamento ou a estrutura social, uma representação muitas vezes condiciona ou até mesmo responde a elas. Isso é assim, não porque ela possui uma origem coletiva, ou porque ela se refere a um objeto coletivo, mas porque, como tal, sendo compartilhada por todos e reforçada pela tradição (MOSCOVICI, 2011, p. 41).

Ainda para o autor “na verdade, qualquer pessoa que tenha sido jornalista, sociólogo ou psicólogo clínico, sabe como a representação de tal ou qual

gesto, ocorrência ou palavra, pode confirmar uma notícia ou um diagnóstico” (MOSCOVICI, 2011, p. 64). Ao afirmar isso, Moscovici (2011) se aproxima das ideias de Luiz Antônio Marcushi (1991), quando ele menciona que ao "apresentar ou citar o pensamento de alguém implica, além de uma oferta de informação, também uma certa tomada de posição diante do exposto" (MARCUSHI, 1991:75). E acrescenta: “é muito difícil informar sem manipular, por melhores que sejam as intenções” (MARCUSCHI, 1991: 92).

Segundo o IBGE (2010) - o Brasil tem quase 900 mil índios, 305 etnias e 274 idiomas. Desse total, 29 etnias, pouco mais de 28 mil índios, vivem em Mato Grosso e apenas 285 índios são da etnia Terena.

**Figura 1:** Tabela mostrando os números da população indígena em Mato Grosso.

Seleção:   População absoluta  Percentual da população

Municípios com as maiores populações indígenas do País, por situação do domicílio Mato Grosso - 2010									
	Total			Urbano			Rural		
	Código	Município	POP	Código	Município	POP	Código	Município	POP
1	5102603	Campinópolis	7.621	5103403	Cuiabá	1.608	5102603	Campinópolis	7.589
2	5101803	Barra do Garças	3.487	5107602	Rondonópolis	309	5101803	Barra do Garças	3.366
3	5103858	Gaúcha do Norte	2.025	5108402	Várzea Grande	287	5103858	Gaúcha do Norte	1.977
4	5103403	Cuiabá	1.644	5102702	Canarana	271	5103908	General Carneiro	1.426
5	5103908	General Carneiro	1.427	5105309	Luciara	225	5101902	Brasnorte	1.367
6	5101902	Brasnorte	1.382	5107958	Tangará da Serra	197	5103304	Comodoro	1.366
7	5103304	Comodoro	1.382	5106257	Nova Xavantina	156	5107065	Querência	1.336
8	5106422	Peixoto de Azevedo	1.360	5107859	São Félix do Araguaia	138	5106422	Peixoto de Azevedo	1.301
9	5102702	Canarana	1.349	5102504	Cáceres	132	5106174	Nova Nazaré	1.171
10	5107065	Querência	1.349	5107909	Sinop	132	5107958	Tangará da Serra	1.143

Fonte: IBGE (2010), disponível em <http://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2>.

Rodrigo de Azeredo Grunewald (1999) explica que “a imagem mais freqüente é a de selvagens', `aborígenes', `autóctones', que se apresentam a nós, `ocidentais e civilizados', como exóticos em sua língua, seus trajes, seus costumes” (GRÜNEWALD, 1999, 137). E enfatiza que, "quando se fala de índios no Brasil, logo se pensa nos xinguanos ou em tribos que habitam recônditos amazônicos" (GRÜNEWALD, 1999; 137).

## A análise dos textos

Para Gozalo Abril por trás dá prática de associar uma imagem a um determinado comportamento, que parece tão comum e natural, existe um sistema complexo. “El concepto de visualidad no equivale al de “visión”, sino más bien al de “visión socializada”: la relación visual entre el sujeto y el mundo está mediada por un conjunto de discursos, de redes significantes, de intereses, deseos y relaciones sociales”. (ABRIL, 2012). Poucas informações sobre as questões indígenas chegam de fato à grande mídia e são superficiais, baseadas em valores estereotipados que repetidos em discursos se tornam ‘verdades’. Tal fato remete a teoria do enquadramento, defendida por Luiz Gonzaga Motta (2010):

Ainda que não seja “a realidade”, o texto jornalístico tem veracidade, recorre a recursos de linguagem para parecer factual, enquadra de modo objetivo e verdadeiro. Produz o “efeito de real”. Esse é o efeito pretendido e, na maioria dos casos e confirmado pelo leitor. O que o jornalista quer significar e as interpretações do significado pelo destinatário coincidem em grande parte ou na sua essência (MOTTA, 2010, p.10)

ABRIL (2012) explica que essas relações são interdependentes e o ‘ver’ e ‘não ver’ depende do quanto eu conheço, o que estou observando e como ocorre a minha interação com ele.

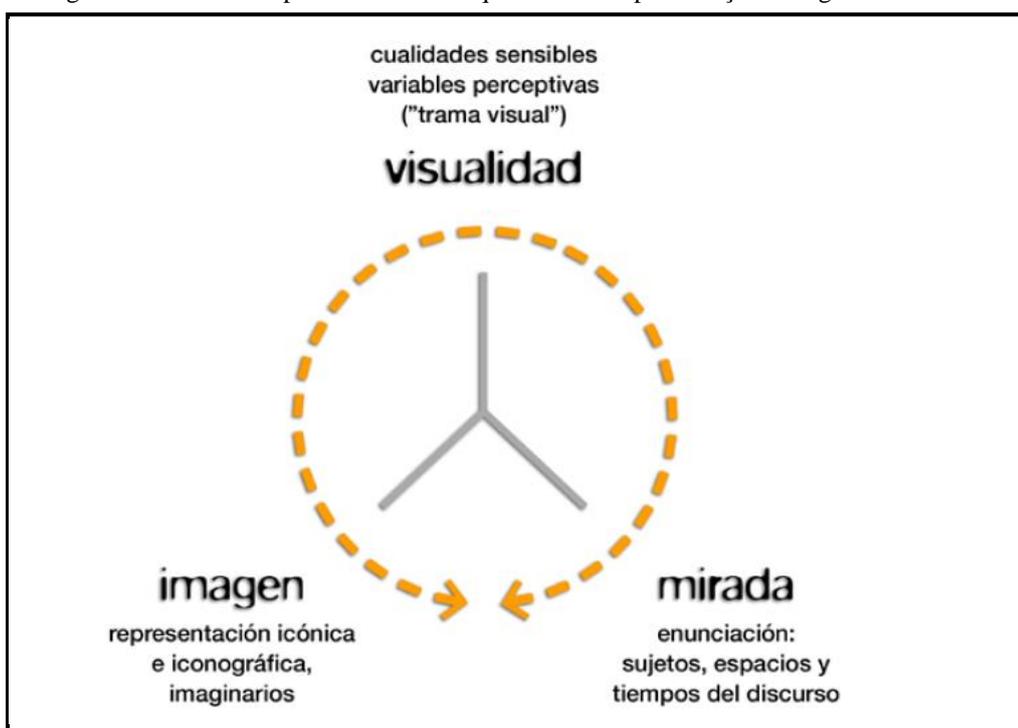
[...] las pone en relación: se da una inextricable interdependencia entre el dominio de la mirada, el de la imagen y el de la visualidad; entre el ejercicio del mirar, del imaginar y del ver (o no ver). Se trata, en cierto sentido, de una relación de mediación, según la cual cada dimensión hace posible la interrelación y efectuación de las otras [...] (ABRIL, 2012, p. 18).

Abaixo, na figura 2 vemos o tripé de mecanismos montados por Abril e assim podemos ter uma maior compreensão do que ele teoriza. Usando como exemplo os índios diante da mídia temos a **Visualidade** (qualidade sensíveis, variáveis perceptíveis) características próprias dos índios como a cor da pele, língua, hábitos e etc. Tal visualidade gera uma **Imagem** que representa iconograficamente tal índio, e alimenta imaginários, carregados de subjetividades, adjetivando o “ser índio”, de diversas maneiras: exótico, diferente, primeiros habitantes do Brasil, não usam roupas e

etc. Partindo do pressuposto da visualidade, o autor explica que gera-se também um *Olhar* (aparência) que permite práticas discursivas a respeito do que é observado, no caso, os índios. O autor esclarece que no diagrama o círculo na cor laranja “é uma continuidade de duas vias”.

A visualidade, a imagem e o olhar não são conceitos fechados, mas sim formas imprecisas de se observar um objeto, tendo como principal bagagem as experiências e conhecimento prévio sobre o que é observado.

**Figura 2:** Imagem mostrando o tripé de mecanismo que monta a representação de algo a nossa volta.



No caso dos índios, por muitas vezes o jornalismo no momento em que relata um fato escolhe apenas uma dessas vias para legitimar uma visão hegemônica. Nas análises feitas nas reportagens publicadas na web, especificamente em sites de notícias, percebemos que na maioria das vezes apenas um dos lados é ouvido e o outro, quando é lhe dado um lugar de fala, essa ‘fala’ é inserida apenas no contexto que se deseja retratar.

ABRIL (2012) explica isso partindo de uma frase de Antoine de Saint-Exupéry, no livro “O Pequeno Príncipe”: “O essencial é invisível aos olhos”. E relaciona com o que você quer ver, mas de fato não pode ver. “Lo visual, “lo que se ve”,

se relaciona siempre con lo que no se ve, com distintos fenómenos que no pertenecen propiamente al reino de lo visible, pero sin los cuales seríamos ciegos a la imagen, no veríamos nada, o veríamos sin ver”. (ABRIL, 2012. p.21)

Abril mostra que o visual relaciona-se com o que é conhecido e acreditado, apesar de não ser visto: o que vemos é condicionado por aquilo que sabemos e acreditamos, porque nunca esvaziam nossas mentes para o que é visto. Em outras palavras, podemos ver através dos olhos de nossa cultura, sistemas simbólicos, conhecimentos, valores e estereótipos adquiridos através da nossa experiência particular que vai se construindo ao longo da vida.

O jornalismo deseja ser referência; relatar da melhor maneira, retratar a verdade, mas por trás de qualquer dizer jornalístico há um indivíduo, com convicções e visões pré-concebidas, principalmente pelas bagagens culturais que possui. – seja ele o repórter, o editor, ou o empresário do meio de comunicação – embora a imprensa e o jornalismo, de um modo geral, tentem ocultar esse indivíduo ao elaborar uma matéria.

Na análise feita das matérias publicadas nos sites de notícias, procuramos observar, especialmente, se há insuficiência de fontes, falta da perspectiva indígena sobre suas próprias questões e como é retratada sua realidade. Através de palavras-chaves (terena, índios, Mato Grosso), procuramos notícias que mostrassem algum fato relacionado a essa etnia específica.

A primeira matéria, publicada dia 04 de outubro de 2001 pelo site da Folha de São Paulo, relata um dos conflitos indígenas pela posse de terra, ocorrido no mesmo dia da publicação, quando os Terenas bloquearam a BR163 que corta o estado de Mato Grosso e fizeram alguns reféns, entre eles funcionários do Incra e jornalistas que estavam cobrindo o protesto.

**Figura 3:** Print Screen mostrando a matéria publicada pela Folha de São Paulo sobre conflitos indígenas no Mato Grosso.



O lead destaca o fato “Índios terenas fazem 13 reféns no Mato Grosso”, dando margens para diversas interpretações e chamando o leitor para o conteúdo da matéria. Ao analisar o conteúdo encontramos o seguinte texto:

Cerca de 200 índios terenas fizeram treze reféns e voltaram a bloquear a BR-163 no início da tarde de ontem, em Rondonópolis, a 218 km de Cuiabá (MT). Todos os reféns trabalham em jornais e emissoras de TV. Quatro deles foram soltos à noite. O bloqueio começou na manhã de segunda-feira, quando aproximadamente 500 índios bloquearam a BR-163 e a BR-364, também próximo a Rondonópolis, reivindicando a desapropriação de uma área perto de Rondonópolis. Os índios haviam liberado as rodovias por volta das 18 horas de terça, depois de negociação com a Polícia Federal e o Inbra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). Com o bloqueio da BR-163, que liga Mato Grosso a Mato Grosso do Sul, os veículos têm de andar mais 300 km caso queiram se desviar do bloqueio. O diretor-substituto do Inbra, Reinaldo Florindo, chegou ontem à tarde a Cuiabá, de onde seguiria para Rondonópolis para negociar com os índios. Até o final desta edição, a pista continuava bloqueada (Edição da *Folha de São Paulo* do dia 04 de outubro de 2001, disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u25355.shtml>>)

Observamos que é um texto curto, apenas 163 palavras com aproximadamente 970 caracteres, está publicado na coluna ‘poder’, mostra as conseqüências dos fatos, mas não a causa deles, e não dá voz ao índio. A falta de

perspectiva da questão indígena pelo olhar do índio não aparece na matéria. Não se tem imagens, apenas o texto e o modo como ele é construído nos dá suposições do fato.

Aproximadamente dez anos depois da matéria analisada anteriormente, a Folha de Paranatinga, um blog regional que busca atuar como um site de notícias publicou no dia 14 de novembro de 2011:

### **Índios Terena, que vivem em Matupá, bloqueiam BR 163 em Itaúba**

BR 163 está interditada em Itaúba. Índios liberam apenas ambulâncias e Bombeiros.

Índios Terena interditaram a BR 163 logo depois do meio dia desta segunda-feira (14), interrompendo o tráfego a 20 km de Itaúba. O bloqueio é por tempo indeterminado. Carretas, caminhões, ônibus, veículos e motos não estão passando. Troncos de árvores e pneus foram atravessados na pista. A 163 é a principal rodovia que liga o Nortão a Cuiabá. Os indígenas, que vivem na aldeia Terena do Iriri, município de Matupá, querem a criação de uma coordenação técnica local que preste assistência para a tribo. A coordenação técnica mais próxima das terras deles é da Funai em Colíder - distância superior a 250 km. Eles exigem audiência com a presidência da Funai (Fundação Nacional do Índio) para obter a garantia da criação deste núcleo. Segundo o cacique Pedro Luis, apenas está sendo liberada a passagem de ambulâncias e carros do Corpo de Bombeiros. (com Ana Paula/Ascom/Itaúba) (Edição da *Folha de Paranatinga*, publicada em 14 de novembro de 2011 e disponível em <<http://folhaparanatinga.blogspot.com.br/2011/03/indios-terena-que-vivem-em-matupa.html>>)

**Figura 4:** Print Screen que mostra a publicação feita pelo blog a Folha de Paranatinga sobre bloqueio da BR163 por indígenas Terenas.

The image is a screenshot of a web browser displaying a blog post. The browser's address bar shows the URL: [folhaparanatinga.blogspot.com.br/2011/03/indios-terena-que-vivem-em-matupa.html](http://folhaparanatinga.blogspot.com.br/2011/03/indios-terena-que-vivem-em-matupa.html). The page title is "Pesquisar na Folha de Paranatinga". The main article title is "Índios Terena, que vivem em Matupá, bloqueiam BR 163 em Itaúba". The article text describes the road blockage and the indigenous community's demands. There are three photographs: one showing a road blocked by logs and debris, one showing a long line of trucks and cars on a road, and one showing a group of indigenous people. The sidebar on the right contains a profile picture, a ranking statement, and sections for "ARQUIVO da Folha de Paranatinga", "Outros Veiculos", "As últimas sobre o FUTEBOL", and "As Mais Recentes sobre os Famosos".

Aqui há semelhanças com a matéria da mídia nacional: texto curto de 168 palavras, cerca de 1.020 caracteres, relato apenas das consequências do fato, inclusive ilustrando essa ideia através das imagens publicadas com o texto. A voz do índio aparece, mas não a perspectiva dele sobre o bloqueio, colocando o índio “como alguém que apenas cobra e exigem direitos” (ZOIA, 2009). O texto é da assessoria de comunicação da prefeitura do município e não de um jornalista que foi ao local e apurou devidamente os fatos.

Na última análise selecionada, temos o texto noticiado pelo *Diário de Cuiabá* e replicado por um órgão socioambiental que monitora os índios. O texto que se segue é detalhista sobre toda a ação:

Os índios terenas voltaram a bloquear a BR-163 em Rondonópolis no final de manhã desta quarta-feira. O bloqueio, mais uma vez com pneus incendiados e correntes, aconteceu nas imediações da chácara Lago Azul, onde estão acampados. Eles ainda fizeram como reféns nove funcionários de veículos de comunicação da cidade. Até o fechamento dessa edição, eles ainda não haviam sido liberados. Cerca de trezentos indígenas, incluindo da etnia xavante, participaram do bloqueio. Depois de uma manhã sem maiores movimentações, por volta das 11 horas os índios deixaram o acampamento provisório e interditaram a BR-163. Segundo o cacique Milton Rondon, a decisão foi para mostrar à Funai e ao Incra que os terenas desta vez não estão brincando. Ou eles resolvem o problema ou a estrada não abre mais. O cacique Sirênio, visivelmente transtornado, afirmou que se precisar morrer aqui na pista, a gente morre, se precisar tomar tiro da polícia, a gente toma. Mas agente só sai daqui direto para a nossa terra. Tão logo a interdição foi iniciada, equipes de reportagem de jornais e emissoras de televisão da cidade chegaram ao local. Porém, foram todos surpreendidos e capturados pelos índios, que agiram agressivamente e chegaram a desferir tapas e pescoções nos profissionais. Ficaram como reféns Lygia Lima (repórter do Jornal de Hoje), Franco Leno (motorista do Jornal de Hoje), Ricardo Costa (repórter da TV Cidade), Odemício Pereira (motorista da TV Centro América), Emerson Dourado (cinematista da TV Centro América), Osvaldo Matsuno (repórter da TV Gazeta), Daniel Escobar (repórter do A Tribuna), Luiz Fonseca (cinematista da TV Cidade) e Valdvan Domingos (auxiliar da TV Cidade). Eles tiveram seus celulares desligados e ficaram incomunicáveis. Os repórteres mantiveram seus aparelhos em toque silencioso e ainda conseguiram manter contato com as redações. Foram liberados pelos terenas: Elane Martins (repórter da TV Centro América), Jupirany Devillart (fotógrafo do Jornal de Hoje), Dnei Matos (fotógrafo do A Tribuna) e Demar Neto (cinematista da TV Cidade). Porém, tiveram confiscados seus equipamentos. No começo da noite, o cinematista Demar Neto, que havia escapado, se ofereceu para ficar no lugar da repórter Lygia Lima. Demar afirmou que sua iniciativa deveu-se ao fato de Lygia ser a única mulher no grupo feita refém. A troca ocorreu por volta das 18h45, e Lygia seguiu direto para a redação do Jornal de Hoje, onde chegou ilesa. Segundo Lygia, o clima era de apreensão entre os reféns, que não chegaram a ser maltratados, mas a falta de informações deixava a todos angustiados. Ela afirmou que um grupo de bororos bastante alcoolizados tumultuou o ambiente. Os Terena precisaram intervir e afastar os bororos dos reféns. Lideranças exigiram que

polícia deixasse local Durante toda a tarde, o clima foi tenso nas redações de Rondonópolis por conta dos companheiros presos. O diretor do Jornal de Hoje, Emanuel Gomes Bezerra Júnior, ainda tentou conversar com o cacique Milton Rondon com a finalidade de tentar negociar a liberação dos reféns. O cacique recusou qualquer acordo e desligou o telefone. Mais uma vez, Milton Rondon afirmou que a estrada só seria desocupada com os Terena indo direto para seu novo local. No local da interdição, a tensão aumentou quando um grupo comandado pelos caciques Sirênio e Milton Rondon se aproximou dos policiais militares que vigiavam a cerca de 400 metros do local. Armados com tacapes e arcos e flechas, eles exigiram que os policiais se retirassem do local. Por volta das 17h, os caminhoneiros que estavam concentrados na BR-163, a cerca de oito quilômetros do local da interdição, também resolveram radicalizar. Eles passaram a dificultar a passagem de carros e pessoas vindas de ambos os sentidos da estrada. (AD) Inspetor da PRF quer evitar confronto com grupo O inspetor Gilberto Lopes, da Polícia Rodoviária Federal, afirmou que a instrução dada à corporação foi no sentido de acalmar os ânimos e evitar radicalizações que levassem a confronto direto com os índios. Desde o meio da tarde, também encontrava-se no local o delegado Marcos Veloso, chefe da equipe de negociação da Divisão de Operações Especiais da Polícia Civil. Ele afirmou ter se deslocado a Rondonópolis a pedido direto do secretário de Segurança Pública, Benedito Corbelino. Um dos editores do Jornal de Hoje, Agnello José de Mello e Silva, a representante do Sindicato dos Jornalistas, Justina Fiori, o editor da TV Cidade, Eduardo Ramos, também tentaram negociar, sem sucesso, com o cacique Milton Rondon, que se mostrou irredutível. Representantes da Funai e do Incra se reuniram em Cuiabá e definiram cinco áreas a serem examinadas pelos terenas para futura desapropriação. Um fax chegou a ser remetido aos índios, porém o cacique Milton Rondon recusou-se a aceitar o papel. Diante disso, uma comitiva da Funai e do Incra deixou Cuiabá por volta das 17h30. Eles eram aguardados no acampamento para tentar negociar a liberação dos reféns e a reabertura da BR-163. Até o fechamento desta edição, a situação permanecia inalterada. (AD) Etnia está desde a década de 90 no Estado Os índios terenas viveram até o início dos anos 90 na reserva Buriti, em Dois Irmãos (MS), município localizado na região de Dourados. Com uma população de 4 mil índios, a reserva, de 10 mil hectares, passou a ser pequena para a etnia. No início dos anos 90, os índios migraram para Rondonópolis, onde passaram a dividir a reserva Tadarimana com os bororos. Em razão da proximidade com a cidade, os terenas viram crescer os casos de alcoolismo, algo que também atinge os bororos. A partir do final dos anos 90, eles começaram a se interessar em obter sua própria reserva. Primeiro, ocuparam a fazenda Campo Novo, do empresário Raul de Oliveira Pinto. A área chegou a ser analisada para fins de desapropriação, mas o processo não foi adiante. Sem conseguir negociar a área com o Incra, o empresário conseguiu uma liminar de reintegração de posse, expulsando os índios. Os terenas, então, foram levados para a fazenda Lago Azul, do deputado federal Wellington Fagundes (PL), onde eles estão desde o ano passado. Atualmente, as 92 famílias vivem no lugar, recebendo cestas básicas da Funai, que também paga o aluguel da fazenda ao deputado federal. (Notícia veiculada no *Diário de Cuiabá* e replicada no site *SocioAmbiental*, publicada em 04 de outubro de 2001 e disponível em <http://pib.socioambiental.org/en/noticias?id=3469> )

Figura 5: Print Screen relatando outra noticia regional sobre os indígenas Terenas.



Ao analisar esse último texto publicado, verificamos novamente a ausência de fotos, mas, ao contrário dos textos anteriores, esse detalha bem a ação dos índios, é um texto longo de 1.011 palavras e 6.261 caracteres, faz um relato completo de como ocorreu a ação, nomes e funções dos envolvidos. A pluralidade de fontes está presente, o índio tem um lugar de fala, a construção da noticia vai desde o inicio do conflito até o seu fechamento. Durante as pesquisas, encontramos a matéria que foi produzida para veiculação em uma das emissoras de TV local, e ao comparamos o texto veiculado com o texto publicado notamos que um texto serviu de base para se construir o outro texto, só não conseguimos afirmar se o da web pautou o televisionado ou vice-versa.

### Considerações Finais

Na análise dos três textos detectamos algumas semelhanças e diferenças entre eles. O veículo nacional (*a Folha*) apresenta um texto pequeno, apenas noticiava o fato, sem um aprofundamento maior, sem estabelecer relação entre as causas e conseqüências. No segundo relato publicado no veiculo regional, (*A folha de*

*Paranatinga*), temos a presença das fotos, ilustrando a notícia, o tamanho do texto e a superficialidade como é apresentado o protesto realizado pelos índios são semelhantes à matéria publicada no veículo nacional. Na terceira, e última, análise temos um detalhamento sobre o conflito, desde os momentos iniciais até o fechamento, presença de fontes, apesar de não ter imagens, ao ler o texto o leitor consegue ter um panorama maior sobre o que está acontecendo. A pesquisa nos levou a concluir que a imagem do índio na mídia está focada em um tema maior, geralmente relacionado à violência. Isso não significa dizer que não haja uma preocupação com o índio, há, mas a forma como ele é descrito, não condiz com o contexto. Na maioria das vezes é ignorado outros aspectos do fato e do relacionamento histórico e social do índio com a sociedade, vemos a mídia colocando a questão indígena sempre à margem, com superficialidade e muitas vezes, podemos assim dizer, parcialidade. Havendo assim uma falta da perspectiva indígena sobre suas próprias questões e a consequente simplificação de sua realidade.

## Referências

ABRIL, Gonzalo. *Tres Dimensiones del Texto y de la Cultura Visual*. Revista Científica de Información y Comunicación, 2012, 9, pp. 15 – 35

ADAS, Melhem & ADAS, Sérgio (colab.) (1998). *Panorama Geográfico do Brasil: contradições, impasses e desafios socioespaciais*. São Paulo, Moderna.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo (1999). *Etnogênese e "regime de índio" na Serra do Umã*. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (org). *A viagem da volta: Etnicidade, Política e Reelaboração Cultural no Nordeste Indígena*. Rio de Janeiro, Contracapa. pp. 136-172.

JODELET, Denise. 2011. *As representações sociais* –Ed. UERJ. Rio de Janeiro.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (1991). *A ação dos verbos introdutórios de opinião in INTERCOM* (Revista Brasileira de Comunicação), nº 64. São Paulo, ano XIV, pp.74-92.

MOSCOVIVI, Serge. 2011. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 8 ed. RJ: Vozes. Petrópolis.

MOTTA, Luiz Gonzaga. 2005. *O trabalho simbólico da notícia*. Líbero (FACASPER).  
Motta, Luiz G.(2010): *A A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística*. (Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>>)

ZOIA, A. *A Infância na Comunidade Indígena Terena do Norte de Mato Grosso.*  
Goiânia, 2009.